

REVISTA

21
20
Expresso
15/JUN/13

Luís Portela

O homem da ciência que acredita na reencarnação

O espírito é o tema do novo livro do chairman da Bial, onde fala da vida além da morte ou da telepatia, citando estudos científicos



ILUMINAR MENTES
"FUI PARA MEDICINA
PORQUE ME
PARECEU QUE ERA A
ÁREA QUE MELHOR
CONTRIBUÍA PARA
O ESCLARECIMENTO
ESPIRITUAL
DA HUMANIDADE",
REVELA

Luís PORTELA

“Acredito que existimos antes e continuamos a existir depois”

25

Conquistou reputação como médico, empresário e homem da ciência à frente da farmacêutica Bial. Agora publica um livro em que fala de temas existenciais como a alma, a telepatia, o sexto sentido, a transcomunicação instrumental, a vida além da morte ou a reencarnação, citando estudos científicos. Mais do que dar respostas, dá que pensar. ENTREVISTA DE MAFALDA ANJOS FOTOGRAFIAS DE TIAGO MIRANDA

P

Primeiro, vamos aos pergaminhos. Não que Luís Portela precise de puxar pelos galões. É sobejamente conhecido e admirado como empresário farmacêutico visionário, que tomou conta da empresa de família Bial e apostou tudo na investigação. Uma aposta que deu frutos em 2008, quando viu o antiepiléptico que a empresa desenvolveu licenciado para os Estados Unidos e Canadá, o primeiro medicamento 100 por cento português a consegui-lo. Um homem da ciência, portanto. Mas agora, aos 62 anos, afastado da presidência-executiva da empresa que passou ao filho, o médico que acima de tudo se diz um livre pensador pôde finalmente dedicar-se inteiramente àquilo que sempre o moveu: a procura das respostas para algumas questões existenciais. Afinal, o que somos? Para onde vamos? Somos apenas pó e cinza? No início da adolescência, Luís Portela já fazia estudos comparados das Bíblias católica e protestante, aos vinte e tal anos lia Lao-Tsé, que o marcou pela sabedoria tremenda por trás da simplicidade. Foi essa mesma paixão pela vida que o fez estudar medicina, e que o inspirou, através da Fundação Bial, a apoiar financeiramente investigações na área da parapsicologia. No livro “Ser Espiritual — da Evidência à Ciência” (editora Gradiva, à venda no próximo dia 24), a que o Expresso teve acesso em primeira mão, partilha finalmente as suas convicções sobre a espiritualidade e fala de conceitos como a alma, vida além da morte, reencarnação, telepatia ou sexto sentido, citando investigações científicas. O livro será apresentado por conceituados cientistas, como João Lobo Antunes e Manuel Sobrinho Simões. E os lucros provenientes da venda da obra serão entregues a uma instituição de solidariedade social.

Ponderou muito antes de decidir partilhar as suas opiniões sobre estes temas? É preciso coragem para entrar em áreas que tantas vezes andam associadas a esoterismo, charlatanice e a muito desconhecimento.

Este é um tema que me apaixona desde a minha juventude. Eu tinha 13 ou 14 anos e já lia

livros sobre temas existencialistas, fazia leitura comparada da Bíblia católica com a Bíblia protestante, lia coisas orientais, obras do taoísmo, do budismo... Sempre tive curiosidade por estes assuntos, é uma paixão de vida. E foi por isso que escolhi ir para Medicina. Achava que assim podia esclarecer as dúvidas que me assaltavam.

O que queria esclarecer?

O que mais me impressionava era que o homem, do ponto de vista da fé, aceitasse uma série de fenómenos de uma forma tão fácil, e a mesma humanidade, sob o ponto de vista científico, recusasse absolutamente estes fenómenos. Isso era uma coisa que me intrigava! Eu partia do princípio que, provavelmente, algumas daquelas coisas eram verdade, outras eram mentira e exploração da ignorância das pessoas, mas parecia-me obrigação da ciência arregaçar as mangas e trabalhar para esclarecer a humanidade. Fui para Medicina porque me pareceu que era a área que melhor contribuía para o esclarecimento espiritual da humanidade. E por isso, quando acabei o curso, procurei fazer uma especialização em psicofisiologia. As duas áreas que me chamavam a atenção eram os milhões de neurónios que existem e não se sabia para que serviam e o que comandavam, e, além da parte física, como é que o sistema nervoso funcionava com uma existência espiritual. Trabalhei seis anos na Faculdade da Universidade do Porto na área da psicofisiologia, até ganhar uma bolsa para um doutoramento em Cambridge. Queria, mais tarde, fazer uma passagem para a parapsicologia. Mas depois o meu pai, que presidia à companhia da família, faleceu e tive de escolher.

Optou por ficar à frente da empresa e não prosseguir o doutoramento.

Como a vida me proporcionou fazer uma carreira profissional, decidi ir por aí, mas mantive-me sempre ligado às temáticas da parapsicologia e aos fenómenos existenciais. Decidi que um dia, quando me pudesse libertar da minha carreira profissional, me dedicaria mais intensamente à área, eventualmente até fazer alguma investigação. Em paralelo criámos a Fundação Bial. Quando eu deixei o doutoramento e a minha carreira académica, prometi a mim próprio que, se um dia tivesse possibilidades económicas, ajudaria quem estivesse a investigar, e a fazer aquilo que eu gostaria de ter feito, a ir mais longe. E temos proporcionado apoios já com algum significado: ao longo destes 18 anos, apoiámos 460 projetos, envolvendo 1500 investigadores de 27 países diferentes. Nem eu tinha ideia de que as coisas podiam ser assim. E como era presidente da companhia, sempre achei que devia manter alguma distância em relação aos temas e à seleção dos projetos, feita por um conselho científico. Mas depois dos 60 anos, e afastado da presidência, senti-me na posição de poder partilhar. O que procurei foi cruzar o conhecimento científico com o co-

nhhecimento tradicional, e dar uma perspetiva científica da vida espiritual.

Grande parte da comunidade científica mainstream não aceita o estudo da espiritualidade.

Porque isso rompe com os paradigmas da lógica com que estão habituados a trabalhar?

Não sei, para mim isso não faz qualquer sentido. Como é que se é capaz de tomar atitudes de adulação disto e emulação daquilo e ao mesmo tempo negar uma série de coisas? Há inúmeros cientistas de grande valor que seguem determinadas doutrinas religiosas com fervor. As pessoas são as mesmas! Percebo que a humanidade evoluiu deixando-se envolver de uma forma demasiado forte pela materialidade das coisas. O século XX terá sido um século de grande de-





CRÍTICO DIZ QUE OS INVESTIGADORES DA PARAPSICOLOGIA NÃO TÊM TIDO O CUIDADO DE FAZER AS COISAS COM PERSISTÊNCIA E PACIÊNCIA DE FORMA A CONSEGUIREM PROVAS INQUESTIONÁVEIS. "POR VEZES FACILITAM, POR VEZES TOMAM ATITUDES DE FÉ", AFIRMA

envolvimento científico e tecnológico, mas ao mesmo tempo de grande desenvolvimento da paixão material. Para que o homem se complete, faz falta perspetivar-se espiritualmente. É preciso perceber que somos este corpo físico [apalpa as pernas e os braços] e um ser espiritual aqui de passagem pela terra, que é gestor desse corpo.

Já existem estudos verdadeiramente credíveis, aplicando o velho método científico, que estudem com rigor os fenómenos da espiritualidade?

Sim, sem dúvida. Hoje há muitas universidades europeias e sobretudo norte-americanas onde são desenvolvidos estudos sob o rigor do método científico, por gente doutorada e com gran-

de capacidade. Só que, é preciso dizê-lo, na maioria dos casos os resultados destes estudos não são ainda suficientemente fortes e sobretudo, reprodutíveis, para serem aceites pela comunidade científica em geral como definitivos, como dados absolutos. Parece-me que, pelo lado dos investigadores da área da parapsicologia, não tem havido um cuidado de fazerem as coisas de acordo com as regras.

De forma irrepreensível e inquestionável?

Sim, de fazerem as coisas com persistência e paciência na procura da verdade de forma a conseguirem dar provas inquestionáveis. Por vezes facilitam, por vezes tomam atitudes de fé. Acho que a atitude verdadeiramente científica é não se partir do princípio que algo é azul ou amare-

lo. É preciso levantar o véu da ignorância e ver o que está lá por baixo, sem partir de pressupostos que diluam o rigor científico. Por outro lado, os cientistas clássicos têm uma atitude de superioridade em relação à parapsicologia, que lhes exigem mais rigor do que a todas as outras áreas. É preciso não esquecer que a verdade científica tem evoluído ao longo dos tempos.

A verdade é afinal um conceito volátil.

Aquilo que no século XV se dizia que era a verdade científica última e definitiva, afinal no XVI e no XVII provou-se que não era bem assim. Veja a ciência médica que eu estudei há quarenta e tal anos... Hoje grande parte das coisas foram postas em questão e estão ultrapassadas. Na parapsicologia, todos querem a verdade

DICOTOMIA CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NÃO TÊM DE ANDAR AFASTADAS. "HÁ INÚMEROS CIENTISTAS DE VALOR QUE SEGUEM DOCTRINAS RELIGIOSAS COM FERVOR. AS PESSOAS SÃO AS MESMAS!"



última e definitiva — há uma grande exigência. A meu ver os investigadores destas áreas não têm tido a paciência, a persistência e o rigor de fazerem as coisas como deve de ser. E também não tem existido um trabalho em rede de conjugação de esforços — e neste campo que a Fundação Bial pode ter dado algum contributo com o seu apoio. Pôr a falar os cientistas mais conservadores, da psicofisiologia e das neurociências, e os mais atrevidos da parapsicologia. O povo diz que da discussão nasce a luz, e eu penso que os conhecimentos na área da espiritualidade não vão ser encontrados por este ramo da ciência ou aquele, provavelmente vão ser encontrados pelo esforço conjugado de gente da parapsicologia, das neu-

rociências, da medicina, da física, da filosofia — dos mais diversos ramos do saber que conjuguem esforços para levantar o véu da ignorância. Neste livro, mais do que dar uma perspetiva pessoal — que eu acabo por assumir —, queria sobretudo fazer um levantamento do que é que ao longo dos séculos as pessoas foram pensando, e o que é que se tem estado a investigar. É uma coisa que eu penso que em Portugal não estava feita, e não sei se estará feita em Inglaterra ou nos Estados Unidos. Eu não conheço. As referências bibliográficas que dou no final não são referências de um ou dois anos, são conhecimentos adquiridos de uma vida. **Teve uma educação católica? Como é que foi moldado o seu percurso espiritual?**

Sim, só que desde miúdo tive dúvidas existenciais. Recordo que estava na catequese, a preparar a comunhão solene, e uma das minhas catequistas era uma freira muito fechada e conservadora. Ouvia aquelas coisas e aquilo fazia-me grande confusão. Uma vez ela disse que quem não seguisse a verdade de Jesus ficaria condenado às agruras do inferno. Havia uns miúdos mais vivaços, e um deles mais atrevido — que não seria o meu caso, sempre fui muito recatado — questionou-a: “Oh irmã, e então os chinesinhos, para onde é que eles vão se não conhecem Jesus?” E ela do alto da sua sabedoria, disse prontamente: “Serão todos condenados às agruras do inferno!” Aquilo era intragável para mim! A virgindade de Maria era outra coisa incompreensível. Inventou-se isso para valorizar a mãe de Jesus. Mas para ser uma mulher excepcional, mãe de um ser excepcional, não precisava nada de ser virgem. Foram pequenas coisas que eu fui anotando, e aos 12 anos pedi licença à minha mãe para deixar de ir à missa. E a minha mãe lá deixou. Não me considero religioso, porque não estou filiado em nenhum agrupamento nem sigo uma doutrina. Tenho uma enorme satisfação em me sentir um livre pensador.

Não sente necessidade de se aliar a um grupo de pessoas e participar num culto?

Não, nenhuma. Mas tenho a maior admiração por grandes figuras da humanidade. Tenho uma enorme admiração por Jesus, que não tenho dúvidas que foi um ser absolutamente fantástico, mas também por Buda ou Lao Tsé.

Foram sobretudo grandes mestres?

Sim. Não me importo nada se me disserem que sou cristão. Mas também não me importo se disserem que sou budista. O que não sinto é necessidade de seguir práticas e rituais, ritos e tabus que na minha opinião não fazem falta nem foram implantados pelos mestres. O que admiro nos mestres é as mensagens riosas de esclarecimento que deixaram.

Por duas ou três vezes no livro faz uma crítica ao materialismo dos seguidores e das igrejas, que se aplicam na perfeição à Igreja Católica.

Respeito profundamente todas as religiões. Mas choca-me que esses mestres, que foram de uma simplicidade fantástica, tenham seguidores que se preocupem em acumular riqueza em torno dessas agregações religiosas. Jesus ensinava ao ar livre. E os seus seguidores foram criar templos e embelezá-los, puseram ouro no templo. O que Jesus parecia abominar, os seus seguidores foram fazer. Não é só a Igreja Católica, mas as dezenas que se dizem seguidoras de Cristo. Tenho pena que não assumam a mensagem do mestre, e se entretenham com coisas laterais e que afastam as pessoas do essencial.

O Papa Francisco no seu pouco tempo de papado já fez mais pela Igreja Católica do que anos dos papados anteriores, com a sua mensagem e exemplo de simplicidade.

Não o conheço, não sei do que ele vai ser capaz. Mas fiquei muito satisfeito quando nos primeiros dias do seu papado vi os seus velhos ténis pretos por baixo das vestes. É essencial regressar à simplicidade. E se todas as religiões se concentrassem no caminho da verdade, provavelmente iam encontrar-se todas num ponto comum. Nessa altura não seria preciso haver religiões, haveria uma só. A verdade total e definitiva existe, é o absoluto.

Mas na essência das várias religiões, é muito mais o que as une do que as separa.

Exatamente. É pena que se entretenham com o que as afasta e não com o que as une.

Diz-se um livre pensador, um espiritualista.

Mas é também um crente. Em que é que acredita verdadeiramente?

Não, não me considero um crente. Eu acredito na verdade científica, no rigor do método científico. Não me sinto um homem de fé, mas um homem de convicções. O homem de fé é aquele que ajoelha a pedir favores a uma entidade divina, e eu entendo que isso não faz falta. Entendo que nos devemos concentrar num caminho de aperfeiçoamento, com grande esforço pessoal e coletivo, criando condições para que as coisas aconteçam. Ao longo da minha vida tive conhecimento de uma série de fenómenos. Negá-los seria muito pouco inteligente. Tive oportunidade de conversar com padres, professores universitários, ministros, presidentes da República — as mais diversas pessoas — que me contaram histórias incríveis. “Comigo também aconteceu isto e aquilo, mas você não diga nada!”

Mas, qual é a sua convicção?

Tenho uma convicção muito forte da existência da alma, do espírito, e que a nossa passagem pela terra é uma mera passagem. Acredito que existimos antes e continuamos a existir depois. E gostaria muito que essa convicção pudesse ser confirmada por um estudo científico.

Ainda não foi até agora.

A ciência oficial ainda não aceitou. A parapsicologia neste momento não é considerada ainda uma ciência, mas uma disciplina científica. Toda esta temática encontra-se num ponto de viragem.

O pós-título do seu livro é “Da Evidência à Ciência”. Que evidências há em relação à existência da alma e do espírito?

Acho que a maior evidência está em cada um de nós. Se cada pessoa conseguir desprender-se na materialidade das coisas, relaxar e meditar, encontra-se a si própria. Percebe que é algo que existia antes e que vai existir depois. Também existe a metodologia científica que procura evidenciar as coisas e neste campo há um conjunto de trabalhos feitos ao longo das últimas décadas que o evidenciam. Estudos feitos até com animais que evidenciam uma determinada força que não se percebe nem está estudada dentro da ciência tradicional. Como é que um coelho esfomeado colocado num quadrado

com um robô com uma cenoura em cima consegue que aquele robô que anda aleatoriamente não ande do outro lado do quadrado, mas apenas no sítio onde está o coelho? Que força é esta? Como é que as pessoas que fazem transcomunicação instrumental [comunicação com os mortos] fazem gravação de vozes que não são emitidas por seres humanos? Quem é que as emite? Estão gravadas fidedignamente, esses estudos estão feitos e publicados. Claro que algumas pessoas dirão que isso não foi feito com todo o rigor, mas alguns destes estudos já são feitos com o mesmo rigor que são feitas as gravações de vozes pelo FBI e pelas polícias de investigação europeias que são apresentadas como prova em tribunal. Se esse é o rigor que se aceita em tribunal, porque não aceitá-lo também em termos de investigação nesta área?

O homem não é apenas cinza, pó e nada?

As pessoas devem fazer o seu caminho e presencial-se perante o universo. Não estou a sugerir que o façam de forma mística — mas honesta, simples e rigorosa. Aprender honestamente, mas não no sentido místico — ir para aqui e para acolá ser enganado por pessoas que se dizem portadores da verdade em troca de dinheiros. Nunca foi o meu caminho, e sempre tive o maior cuidado em não me misturar com essas aventuras.

Mas vamos à essência dos vários conceitos que aborda. No princípio está o quê? Que entidade criadora é essa em que acredita,

que não é o tal Deus de barbas brancas com o filho preferido sentado à sua direita?

Nisso não acredito de todo, já aos 9 ou 10 anos me custava a entrar! (risos) Se Jesus é muito bom, é pelo seu valor intrínseco, porque conseguia controlar o seu pensamento, palavras e atos e dirigi-los em seu benefício e em benefício de todos os outros. Acredito profundamente no Jesus histórico, mas não no Jesus religioso. Acredito profundamente na existência de uma entidade criadora de todas as coisas. Uns chamam Deus e outros chamam outras coisas — eu não utilizo a palavra Deus porque acho que está muito conspurcada, prefiro referir-me ao Todo, ao Absoluto. Se o universo existe, alguém o criou, acredito na existência dessa entidade universal. E acredito que essa entidade universal tem características espelhadas em cada um de nós. O macro está espelhado no micro.

E vice-versa?

Sim, acho que cada um de nós tem características para abraçar o Todo. Andamos todos a correr para ver um jogo de futebol, para fazer dinheiro, para as empresas se valorizarem na bolsa... Se um dia pararmos e nos perguntarmos para que é que isso serve, se calhar temos uma desilusão muito grande.

É evidente que é uma perspectiva utópica todos pararmos e fazermos isso, mas é bonito. Seria ideal.

Se pelo menos alguns começarem a parar... (risos).

Um dos conceitos que fala é a vida além da morte. Vai sair agora em português um best-seller nesta matéria: “Uma Prova do Céu” (editora Lua de Papel), de Eben Alexander. Ele era um neurocirurgião agnóstico, um professor universitário, investigador conceituado, e que teve uma experiência de quase morte que lhe mudou a vida. Acredita que esteve ‘do outro lado’ e voltou.

Conheço a história, é um relato impressionante. É mais uma! Mais cedo ou mais tarde acredito que as pessoas começarão a ter algum respeito por estas histórias. A primeira reação é sempre “Ah, e tal, fantasias! Lá está mais um que sonhou aquilo...” Na bibliografia que eu apresento falo de uma série de casos desses, de pessoas que tiveram os seus momentos.

No final ele acrescenta um apêndice com nove hipóteses neurocientíficas para tentar explicar o que lhe sucedeu. Afastou-as a todas, para concluir que foi algo não tratado pela ciência tradicional.

Há muita gente que na sua vida passou por situações espetaculares, mas que não são conhecidas. O cantor Charles Aznavour foi uma das primeiras pessoas conhecidas a contar com pormenor o que se passou com ele. Teve um acidente e foi dado como morto umas horas. E contou como viu tudo fora do corpo.

Uma das teses que aborda é a reencarnação. Defende que vivemos num mundo escola.

TENHO UMA CONVICÇÃO
MUITO FORTE DA
EXISTÊNCIA DA ALMA,
DO ESPÍRITO, E QUE
A NOSSA PASSAGEM
PELA TERRA É UMA
MERA PASSAGEM

O nosso caminho é uma trajetória de aperfeiçoamento. Acredito que possamos vir a um mundo que nos proporciona experiências muito diversas onde vimos para aprender. Para estarmos em contacto com pessoas que sabem muito e aprendermos com elas, mas também com outras que são ainda muito 'brutinhas', com quem estamos em confronto. E assim aprendermos a tolerá-las e aprendermos, contornando estas situações mais difíceis, a seguirmos o nosso caminho e a ensinar-lhes com o nosso exemplo. Seria muito limitativo irmos à terra uma vez só, e irmos uns ricos e outros pobres, uns bonitos e outros feios... Faz muito mais sentido cada um de nós poder escolher como vem e aprender com a experiência.

Na essência dessa tese está um conceito de bondade, justiça e equilíbrio que o mundo não espelha.

Parto do princípio que estamos a fazer uma trajetória ascendente, que parte do mau até ao infinitamente bom.

E que se aplica a toda a humanidade? Vamos sendo melhores?

Não se aplica a toda a humanidade, mas sim a todo o Universo... Não sabemos o que vem a seguir. São conjeturas.

São conceitos difíceis de apreender. Mais fácil é perceber fenómenos como a telepatia.

Que evidências há acerca deste conceito?

Muita coisa. Estar a pensar em alguém e ela aparecer, tocar o telefone e ser aquela pessoa... acontece com a generalidade das pessoas. Mas mais do que isso, há experiência dos testes feitos. Há hoje saciedade de provas da existência da transmissão de pensamento. São experiências feitas em ambiente de laboratório da forma mais rigorosa. Pessoas que focam o seu pensamento noutras e elas são capazes de dizer o que a outra está a fazer ou a pensar... Ou que colocadas a fazer uma redação sobre um tema ou a ver imagens em sítios completamente separados, escolhem o mesmo tema ou referem as mesmas imagens. O número de vezes que isso acontece é estatisticamente muito significativo. Está demonstrado em literatura variada.

E o sexto sentido, a intuição?

Se há alguma transmissão, é natural que cada um de nós seja simultaneamente um emissor e um recetor de pensamentos. Se calhar uns com mais capacidade para emitir ou para receber. Se temos capacidade para receber, é natural que possamos ser intuídos, positiva e negativamente. É preciso aprender a jogar com isso. E é preciso que cada um desenvolva o seu próprio esforço para pensar e falar de forma positiva, e assim criar condições positivas no seu pensamento por forma a atrair as coisas que são positivas. Quem pensar negativamente e atuar negativamente, criará condições para atrair aquilo que é negativo. Na espiritualidade, a regra é essa: os sinais iguais atraem-se, os diferentes repelem-se.

Ao contrário do que acontece na física, no magnetismo?

É o que alguns investigadores têm procurado demonstrar. Mas acho que o cidadão comum, se quiser, consegue perceber isso na sua vida.

Essa ideia do otimismo e do pessimismo, da atitude positiva ou negativa, serem condicionantes para o futuro de cada um de nós não é um conceito novo. Mas é novo ver um médico a falar sobre isso. E como é que um médico e homem da ciência, que esteve toda a vida ligado às farmacêuticas, vê as terapias e curas alternativas? Imposição das mãos, canalização de energias, reiki?

Admito que há determinado tipo de energias que ainda não são conhecidas pelo ser humano. E admito que à medida que forem conhecidas vamos aprender a lidar melhor com elas. Não posso negar que o reiki existe. Já assisti a situações em que houve determinada evolução provocada pela colocação das mãos. Não posso é, a partir daí, dizer que acredito em todas as medicinas alternativas. Admito que existam algumas coisas boas que vale a pena cultivar, desbravar e perceber o que são, mas admito que há também muita fantasia e muita coisa que simplesmente não presta. Mais uma vez digo que a ciência oficial deveria arregaçar as mangas e demonstrar o que é verdade e o que é mentira, estudar e tentar perceber.

Mas a ciência oficial está ligada aos interesses económicos, é patrocinada por eles. E

muitas destas curas alternativas são simples, baratas, acessíveis. Não interessaria que fossem conhecidas.

A ciência oficial está distraída com a materialidade das coisas... De facto algumas destas coisas são muito simples, e na simplicidade está um caminho melhor do que na complexidade.

É muito irreverente um dono de uma farmacêutica dizer uma coisa dessas.

Eu fiz o meu caminho como empresário, procurando servir os interesses de saúde das pessoas o melhor que aquele conjunto de técnicos e aquela instituição onde eu trabalho há 40 anos conseguissem. A humanidade no último século criou condições para viver muito mais e muito melhor graças, sobretudo, ao trabalho da investigação médica e da investigação farmacológica. Hoje em dia, a esperança média de vida na Europa é o dobro do que era há 100 anos. É uma área do saber que proporcionou à humanidade uma evolução fantástica. Tenho o maior respeito por isso. O que não quer dizer que não tenha respeito por outros caminhos. Acho que seria tolice não o ter.

E quem parte dos seus pressupostos também acredita que existe vida noutras planetas.

Percebermos que o planeta Terra é um grão de areia ínfimo no universo e termos a petulância de imaginar que somos os únicos seres vivos nesse universo todo... acho que é uma coisa disparatada! Admito que haja outros locais onde existem seres espirituais em evolução. Agora se têm um corpo físico como nós temos e uma civilização organizada como temos na Terra, provavelmente não. Ou se calhar há...

O que é para si a sua maior conquista? Como gostaria de ser lembrado?

Acho que não tenho grandes conquistas. Gostaria de poder ser capaz de manter o meu pensamento permanentemente positivo, ligado ao que há de mais superior e por via disso, as minhas palavras e os meus atos serem o mais positivo, construtivo possível. Mas esse é um caminho de aprendizagem que eu estou a fazer, não o consegui ainda. Gostaria de ser lembrado pelos meus familiares e amigos, como um tipo que honestamente procurou fazer esse caminho. Procurou aprender.

A Bial, as conquistas da empresa e o facto de ter sido um marco histórico na indústria farmacológica em Portugal não interessam nada no seu percurso?

São momentos que a história apaga, mais cedo ou mais tarde.

E não teme a morte, imagino.

Mas porquê temer? É um mudar de capítulo. Ou quanto muito, de livro.

"Tenho de estar disposto de abdicar do que sou para me tornar no que serei", já dizia o cientista Einstein.

Einstein era genial. Não sei sequer se é abdicar. As coisas são mesmo nossas? O que é nosso? ●

revista@expresso.impresa.pt

HÁ HOJE SACIEDADE DE PROVAS DA EXISTÊNCIA DA TELEPATIA. SÃO EXPERIÊNCIAS FEITAS EM AMBIENTE DE LABORATÓRIO DA FORMA MAIS RIGOROSA